



De quatro em quatro anos, ou quando acontecem eleições, todos os políticos de todos os quadrantes se mostram vocalmente preocupados com a abstenção que sobre exponencialmente em cada ato eleitoral.

Antes das eleições os partidos tratam os cidadãos como se eles vivessem na idade da pedra, prometendo coisas que – sabem, de antemão – dificilmente irão cumprir. Descem aos povoados, mercados, feiras, beijam peixeiras, bebés e tudo e todos que encontram, convencidos de que estão a ser muito bem aceites.

Dantes, após o 25 abril ofereciam esferográficas e outra parafernália como “reuerdo”, agora incluem orçamentos participativos onde os eleitores sugerem os seus planos e pensam os políticos que assim se cumpre a democracia e que assim estão a ouvir a voz do povo, mas depois do ato eleitoral, promessas esquecidas, projetos alterados consoante os lóbis e as forças de pressão a que todos os políticos estão sujeitos, se quiserem ser reeleitos, afastam-nos mais e mais dos eleitores.

As camadas mais jovens criadas numa era cibernética que nada tem a ver com a forma como ainda se faz política, liga os seus fones, de olhos colados aos seus smartphones e segue em frente, muitas vezes dando votações magníficas aos populistas e outras forças oportunistas, xenófobas, racistas, anti-imigração, mas que parecem responder aos seus sentimentos básicos de insegurança pelo futuro.

Sabemos bem que apesar da enorme facilidade de acesso à informação, esta se encontra inundada por fake news e por outras falsidades, e uma mentira contada mil vezes acaba por ser aceite como verdade. Cono as camadas mais jovens não tiveram um ensino que privilegiasse a capacidade e o pensamento crítico, são incapazes de questionar-se sobre essas doses maciças de informação e falsa informação que lhes chega, desde mensagens subliminares na publicidade, a filmes e outras formas de comunicação. Acabam assim, mais facilmente manipulados do que alguma vez imaginam. O mesmo se passa com os mais idosos, com os que têm menos cultura política, os que vivem de telenovelas e casas dos segredos, os que estão totalmente alienados pelo futebol e sabem mais de cada jogador do que alguma vez saberão sobre os seus direitos e deveres cívicos.

E, claro que em nada ajudam as revelações, quase diárias de arguidos em casos e mais casos de corrupção, cuja maioria acaba em “águas de bacalhau”, pois muito poucos são os que são condenados ou cumprem penas efetivas, levantando dúvidas sobre as investigações e, posteriormente, sobre os juízes. Nada disto ajuda, mas daqui a uns anos teremos percentagens

ainda menores de leitores, quando os eleitos tiverem apenas os votos das suas máquinas partidárias e o povo foi á bola ou à praia...



Para o Diário dos Açores, Diário de Trás-os-Montes e Tribuna das Ilhas

Chrys Chrystello, Jornalista

[MEEA/AJA (Australian Journalists' Association – Membro Honorário Vitalício nº 297713,) carteira profissional AU3804]